

MISERICÓRDIA NA ARTE

Dom João Wilk
Bispo Diocesano de Anápolis

A arte, especialmente a arte sacra, tem um poder muito grande em visualizar os mistérios de Deus e do homem, de transmitir os conteúdos e suscitar sentimentos e reflexões. Em primeiro lugar, pela beleza em si: harmonia, técnica, manejo hábil de estilos, perspectiva, cenário, tintas, cores, luzes e sombras.

O mundo em que vivemos tem necessidade de beleza para não cair no desespero. A beleza, como a verdade, é a que traz alegria ao coração dos homens, é este fruto precioso que resiste ao passar do tempo, que une as gerações e as faz comungar na admiração.

Contemplada com ânimo puro, a beleza fala diretamente ao coração, eleva interiormente da estupefação ao maravilhamento, da admiração à gratidão, da felicidade à contemplação.

(...) A Via da Beleza responde ao íntimo desejo de felicidade que está albergado no coração de todos os homens. Ela abre horizontes infinitos, que levam o ser humano a sair de si próprio, da rotina e do efêmero instante que passa, para se abrir ao Transcendente e ao Mistério, a desejar, como fim último do seu desejo de felicidade e da sua nostalgia de absoluto, esta Beleza original que é o próprio Deus, Criador de toda a beleza criada. (Paulo VI, Mensagem aos artistas, Conclusão do Concílio Vaticano II, 8 de dezembro de 1963).

Não é de se estranhar, portanto, que a arte foi sempre um instrumento privilegiado da evangelização, uma espécie de "sacramento estético" que tem poder de unir o temporário e o absoluto, homem e Deus.

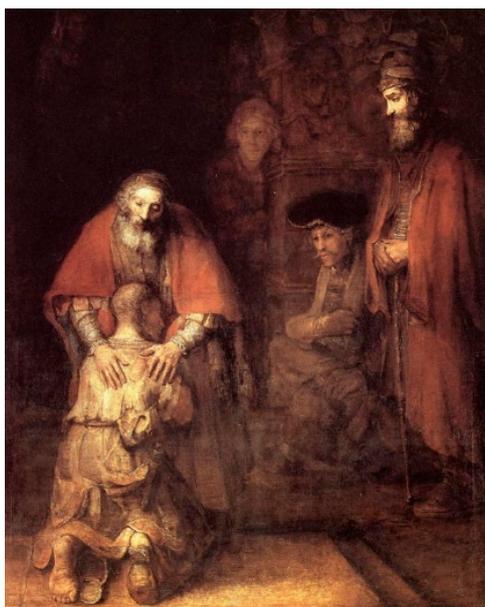
Entre as obras a serviço da evangelização, com grau diversificado de valor artístico, podemos distinguir, essencialmente, as de caráter ilustrativo e decorativo, uma informação ou visualização de uma história, as de caráter de suscitar devoção e as que expressam e suscitam uma profunda reflexão existencial.

É neste sentido que queremos falar, mui sinteticamente, do tema em pauta: arte a serviço do mistério da misericórdia. Não queremos fazer uma exposição histórica neste aspecto, mas usar três obras de referência expoentes da diversidade de estilos e de força de transmitir ideias.



1. "A volta do filho pródigo" de Rembrandt

O quadro, pintado dois anos antes da morte do artista, além da visualização de uma das mais bonitas e expressivas parábolas de Jesus, expressa a trajetória da vida do Rembrandt. É a reflexão sobre a condição existencial na maturidade da sua vida.



O quadro "O retorno do Filho Pródigo" se encontra hoje no famoso museu Hermitage, em São Petersburgo, na Rússia.

Rembrandt Harmenszoon van Rijn nasceu em Leida, 15 de julho de 1606. Faleceu em Amsterdam, 4 de outubro de 1669. Foi um pintor e gravador holandês. É geralmente considerado um dos maiores nomes da história da arte europeia e o mais importante da história holandesa. É considerado, por alguns, como o maior pintor de todos os tempos. Suas contribuições à arte surgiram em um período denominado pelos historiadores de "Século de Ouro dos Países Baixos", no qual a influência política, a ciência, o comércio e a cultura holandesa — particularmente a pintura — atingiram seu ápice.

Os maiores triunfos criativos de Rembrandt são exemplificados especialmente nos retratos de seus contemporâneos, autorretratos e ilustrações de cenas da Bíblia. Tanto na pintura como na gravura, ele expõe um conhecimento completo da iconografia clássica que ele moldou para se adequar às exigências da sua própria experiência; assim, a representação de uma cena bíblica era baseada no conhecimento de Rembrandt sobre o texto específico, na sua assimilação da composição clássica, e em suas observações da população judaica de Amsterdã. Devido à sua empatia pela condição humana, ele foi chamado de "um dos grandes profetas da civilização".

Tendo alcançado sucesso na juventude como um pintor de retratos, seus últimos anos foram marcados por uma tragédia pessoal e dificuldades financeiras.



Foi o nono filho do casal Harmen Gerritszoon van Rijn e Neeltgen Willemsdochter van Zuytbrouck. Na infância frequentou aulas de latim e foi matriculado na Universidade de Leida. Demonstrava grande inclinação para pintura.

No final de 1631, Rembrandt mudou-se para Amsterdã, então em rápida expansão como o novo centro comercial dos Países Baixos, e começou a praticar como retratista profissional, obtendo grande êxito.

Em 1634 casou-se com Saskia van Uylenburg. Embora abastado, o casal enfrentou diversos problemas pessoais; seu filho Rumbartus morreu com dois meses de idade em 1635, e sua filha Cornelia apenas três semanas após o parto em 1638. Em 1640 tiveram mais uma filha, também chamada Cornelia, que morreu com um mês de idade. Somente seu quarto filho, Titus, nascido em 1641, é que sobreviveu até a maioridade. Saskia morreu em 1642, pouco depois do nascimento de Titus.



Durante a enfermidade de Saskia, Geertje Dircx foi contratada como enfermeira e babá de Titus, tornando-se na mesma época amante de Rembrandt. Ela posteriormente processaria o pintor por quebra de promessa, sendo recompensada com uma pensão alimentícia. Ao descobrir que Geertje havia penhorado jóias pertencentes a Saskia, Rembrandt conseguiu com que ela fosse internada por doze anos em um asilo de indigentes. No final da década de 1640, Rembrandt deu início a um relacionamento com sua empregada Hendrickje Stoffels. Em 1654 tiveram uma filha, Cornelia. Os dois não se casaram oficialmente para não perder acesso aos recursos financeiros destinados a Titus no testamento de sua mãe.

Rembrandt vivia além de suas rendas, comprando obras de arte, impressões e raridades, o que supostamente provocou, em 1656, um acordo nos tribunais para evitar sua falência, que resultou na venda da maioria de seus quadros e sua imensa coleção de antiguidades.

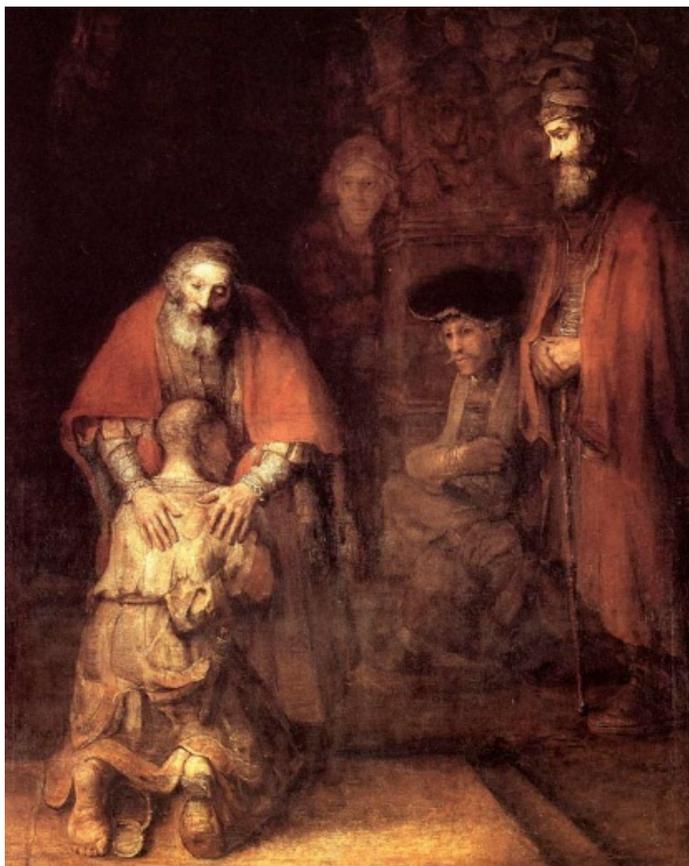
Para contornar a situação, Hendrickje e Titus iniciaram um empreendimento para agenciar obras de arte, com Rembrandt como seu funcionário.

Rembrandt sobreviveu tanto a Hendrickje, que morreu em 1663, quanto a Titus, morto em 1668. Ele faleceu em Amsterdã por volta de um ano depois da morte do filho, sendo sepultado em uma cova não demarcada.

A sua vida pode ser resumida assim.

"Um jovem orgulhoso por demais convencido de seu próprio talento e desejoso de explorar tudo o que o mundo tem a lhe oferecer, um extrovertido que ama a luxúria e pouco se importa com o que se passa com as pessoas à sua volta. Não há dúvida de que o dinheiro era uma das principais preocupações de Rembrandt. Ele ganhou muito, gastou muito e perdeu muito". (Henri J. M. Nouwen, *A volta do filho pródigo*, Paulus 2008).





Diz outro pintor famoso Van Gogh: "Para pintar assim é necessário ter morrido várias vezes".

"Só quem sofreu muito e derramou muitas lágrimas podia pintar um retrato assim do amor, da ternura e da compaixão de Deus Pai, que abraça e abençoa seu filho, ferido da cabeça aos pés, e no mais profundo do coração" (Álvaro Barreiro, *A parábola do Pai misericordioso*, Ed. Loyola, 1998)

Conhecemos a parábola descrita por evangelista São Lucas (15, 11-32), o evangelista da misericórdia. Vamos conhecer como o pintor apresenta cada uma das pessoas envolvidas na história e o seu estado interior.

As três figuras principais e outras três, em tamanho natural, formam uma unidade e a distância, para que se possa

contemplar cada uma delas e interagir.

O quadro apresenta a escuridão e a luz que ilumina as três figuras principais.

Voltar a casa.

Um homem tinha dois filhos. O filho mais novo disse ao pai: pai, dá-me a parte da herança que me cabe. E o pai dividiu os bens entre eles. Poucos dias depois, o filho mais novo juntou o que era seu e partiu.

Voltar é um ato depois de ter ido embora, encontrar o que se tem perdido ou deixado.

O que é a casa?

A casa significa lar, comunhão, recíproca estima, felicidade de estar com as pessoas, de não estar sozinho. O modo de partir do filho mais jovem evidencia desprezo. A maneira do filho partir é equivalente a desejar a morte de seu pai. É uma rejeição cruel do lar no qual o filho nasceu e foi criado e uma ruptura com a tradição sagrada de ser família. Partir para um país estrangeiro é condenar-se à solidão, ir ao lugar onde não se respeita o que em casa é considerado sagrado.

No sentido espiritual, deixar a casa é mais do que um acontecimento histórico; é negar a realidade espiritual de que pertencemos a Deus com todo o meu ser, ignorar a verdade de que sou filho amado de Deus, é procurar onde não se pode encontrar a felicidade.



Em que condições o filho retorna? O quadro é expressivo. O filho se joga ao peito do pai, exausto e resignado, com roupas pobres, mínimas para cobrir o corpo, surradas,



sandálias gastas,



pés machucados,



cabeça raspada como se

fosse um presidiário, despojado da sua dignidade. Deixou a casa com orgulho e dinheiro, para viver a sua vida longe de todos e de tudo. Estas são as íntimas consequências do abandono do lar.

O filho pródigo tinha que perder tudo, chegar ao "fundo do poço" para entrar em contato com o seu ser.

E qual é o **seu ser verdadeiro**?



Na cintura, do seu lado direito, está amarrado um **punhal**. Pelo aspecto contrasta com a indigência das roupas. É bonito, precioso, nobre. O jovem vendeu tudo, mas não se desfez do punhal. No fundo, estava apegado à única lembrança da casa, da condição que tinha abandonado: ser filho de um nobre pai. Tudo perdeu, menos a condição de filho. E esta consciência, no fundo do ser, foi o que salvou o jovem, fez que superasse o orgulho, se submetesse ao julgamento da verdade e tivesse coragem para voltar e enfrentar a humilhação.

Um novo nascimento



São interessantes os detalhes da cabeça. Está apoiada no peito do pai como se quisesse voltar ao ventre. De fato, a sua cabeça lembra um feto. É um novo nascimento. A cabeça ainda está molhada como um recém-nascido.

Quando o abraço terminar, o filho perdido e encontrado será um recém-

nascido, um homem novo, verdadeiramente livre.

Alguns autores tentam dar um outro significado, que provavelmente não estava nas intenções de Rembrandt. É a imagem de Jesus Cristo, Filho único do Pai, que abandona o lar da divindade, vem morar com os que se encontram abaixo de qualquer dignidade, os pecadores, os "porcos" da humanidade. Volta para entregar ao Pai a missão cumprida, e receber a glória, representada pela luz que se irradia e ilumina. É a humanidade que retorna ao Pai, pela qual o Filho de Deus se fez pecado, é o kênosis, o despojamento aceito livremente pela salvação da humanidade, que agora com ele retorna ao Pai: Ele, existindo em forma divina, não se apegou ao ser igual a Deus, mas despojou-se, assumindo a forma de escravo e tornando-se semelhante ao ser humano.

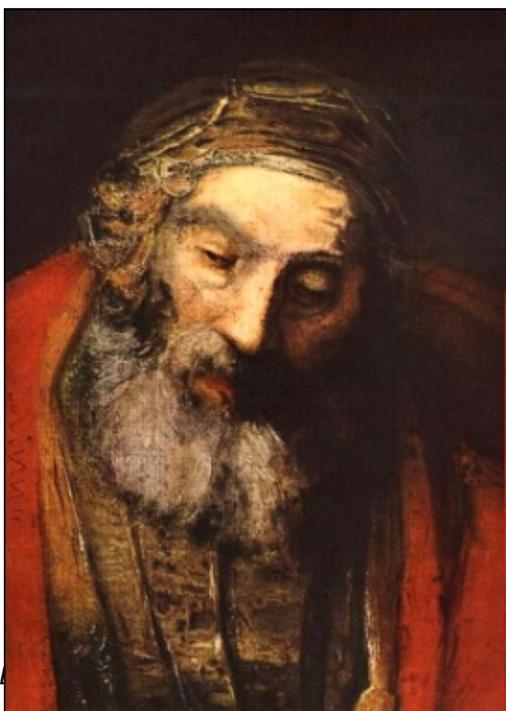
O pai

Então, ele partiu e voltou para junto do pai. Estava ainda longe, quando o pai o viu, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos (Lc 15,20).

O pai o "viu", porque nunca o perdeu de vista, porque sempre olhava com saudade e esperança de um dia poder vê-lo de novo.

O filho é acolhido pelo pai solícito, que o abraça com afeto e ternura. O pai é coberto com o manto vermelho, com sinais de nobreza nos braços.

Seu rosto é velho, abatido, cansado, mas sereno e satisfeito. Lembra o velho Simeão no Templo, quando recebeu o Menino Jesus nos braços: "Agora, Senhor, segundo a tua promessa, deixa teu servo ir em paz, porque meus olhos viram a tua salvação, que preparaste diante de todos os povos: luz para iluminar as nações e glória de Israel, teu povo" (Lc 2, 29-32).



Não foi o filho que correu primeiro para abraçar o pai. Não deu tempo. Foi o pai que saiu correndo para abraçar e beijar o filho. Pelas convenções da cultura oriental um homem nobre devia cuidar para não perder sua dignidade e respeito. Posto que o comportamento do pai é o comportamento de Deus com seus filhos perdidos, podemos dizer que o amor de Deus por nós faz-lhe perder sua soberania e compostura e sair correndo ao nosso encontro para abraçar-nos na nossa sujeira, na nossa humanidade ferida e profanada, para devolver-nos a filiação e a dignidade perdidas.

Pai, pequei contra o céu e contra ti.

O pai ouve em silêncio a confissão do filho. Não o repreende, não pune. O amor não é vingativo e não

precisa de palavras. O amor é intuitivo. Num instante compreende o amor ressuscitado no coração do filho, o seu arrependimento e a alegria da gratuidade do perdão.



Há um detalhe: as mãos de pai são diferentes uma da outra. Uma, apoiada no ombro, é de aspecto masculino. Outra, acariciando as costas, tem aspecto feminino, de mãe. É a ternura de Deus Pai chamada no Antigo Testamento como amor visceral de uma mãe. É a paternidade e a ternura de Deus, que "não se cansa de perdoar" (Papa Francisco).

O filho mais velho

O filho mais velho estava no campo. Ao voltar, já perto da casa, ouviu música e barulho de dança. Então chamou um dos criados e perguntou o que estava acontecendo. Ele respondeu: é teu irmão que voltou. Teu pai matou o novilho gordo, porque recuperou seu filho são e salvo. Mas ele ficou com raiva e não queria entrar. O pai, saindo, insistiu com ele. Ele, porém, respondeu ao pai: eu trabalho para ti há tantos anos, jamais desobedeci a qualquer ordem tua. E nunca me deste um cabrito para eu festejar com meus amigos (Lc 15,25-29).



Esta figura do lado direito do quadro é o filho mais velho. Apresenta semelhanças e diferenças com a figura do pai. É semelhante ao pai o rosto, barba, o manto vermelho, os sinais de nobreza nas vestes. É diferente: enquanto as mãos carinhosas do pai pousam sobre o filho mais novo, o abençoam e acariciam, as mãos do filho mais velho estão fechadas, nervosas. O rosto igualmente fechado, observando friamente, com desprezo e rancor.

Na parábola a vinda do filho mais velho do campo é cronologicamente posterior à volta e ao abraço do pai ao filho mais novo. No entanto, Rembrandt coloca duas cenas uma ao lado da outra. Deste modo, ele retrata não a história, mas o estado de

espírito, o que estava acontecendo no interior das três pessoas.

2. As Sete Obras de Misericórdia de Caravaggio



Na mesma época de Rembrandt viveu e trabalhou o pintor italiano Michelangelo Merisi da Caravaggio. Nasceu em 1571 em Milão, norte da Itália. Ainda criança, mudou para pequena cidade próxima a Milão chamada Caravaggio, de onde lhe veio o apelido. Com 11 anos ficou órfão, deixado para a própria iniciativa para sobreviver. Iniciou nas oficinas de artistas de Milão. Era de temperamento exaltado. De Milão mudou para Roma, fugindo da justiça, por ter se envolvido numa briga e ferido um policial. Em Roma teve um período de razoável produção, mas, sempre menino exaltado, matou numa briga um jovem e teve que se refugiar em Milão. Pelos mesmos motivos, fugiu para o sul da Itália. Voltou a Nápoles, mas, ferido gravemente numa briga, teve que dirigir-se a Roma. Porém, não chegou;

morreu durante a viagem, aos 39 anos.

Apesar do temperamento agitado, foi procurado pelos senhores nobres e pela hierarquia da Igreja para decorar os palácios e as igrejas. Foram-lhe encomendadas obras de caráter religioso e bíblico. Uma delas, em Nápoles, foi o quadro das "Sete Obras de Misericórdia", encomendado pela Confraria de Pio Monte da Misericórdia, para decorar a sua igreja.

O estilo do Caravaggio é naturalista. Usa o contraste acentuado entre luz e escuridão, com poucos tons intermediários. Para as suas obras, mesmo de caráter religioso, serviu-se do cotidiano das pessoas. Naquele tempo, a sociedade era marcada por contrastes e desigualdades sociais. Nas cidades havia muitos pobres e mendigos. Em resposta a isso, surgiram vários abrigos para os indigentes. Uma das iniciativas nesse sentido foi a criação da Confraria Monte Pio da Misericórdia.

A forma em que Caravaggio apresentou as sete obras da misericórdia corporais é surpreendente e até bizarra. Pintou numa só tela de 3,90 por 2,80 metros todas as obras juntas, retratando o caos que reinava na cidade, espelhando a sociedade como ela era.



1. Dar de comer a quem tem fome. No quadro, à direita, está um homem preso, condenado à morte de fome. A sua filha, assustada e receosa de ser vista, alimenta o pai com o seu peito, forma acessível para alimentar o pai naquelas circunstâncias.

2. Dar de beber a quem tem sede. A obra de caridade é representada por Sansão que mata a sua

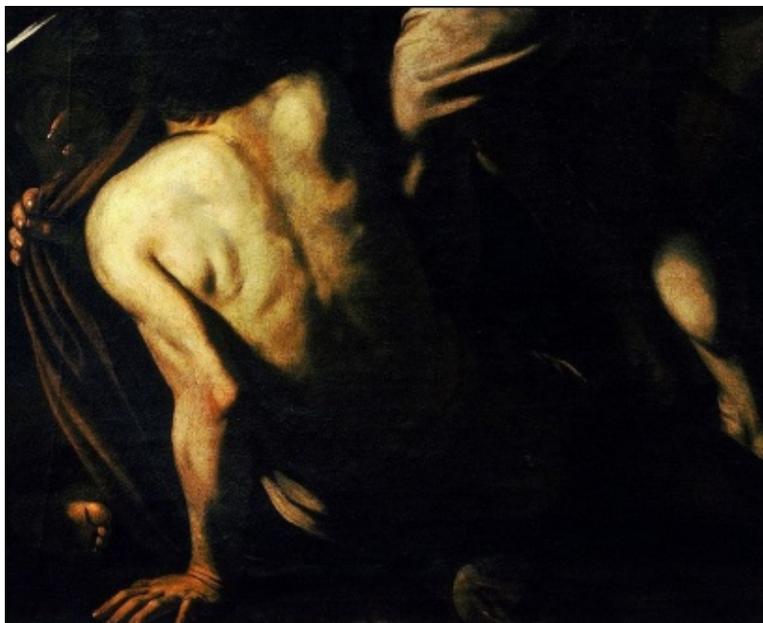
sede bebendo da mandíbula de jumento a água que milagrosamente lhe foi oferecida. Expressa que antes de sermos misericordiosos, somos objetos da misericórdia divina.



3. Vestir os nus. Figura de São Martinho de Tours, cavaleiro da caridade, que divide o seu manto com um pobre.



4. Acolher os peregrinos. Do lado esquerdo, antepondo-se à figura de Sansão, estão dois homens: um indica com o dedo para onde o outro deve se dirigir; outro é peregrino, reconhecido pela concha no chapéu, característica dos peregrinos a Santiago de Compostela.



5. Visitar os doentes. O doente é deitado, cocho e nu.



6. Visitar os presos. O mesmo quadro de dar a comer sintetiza a atitude de cuidar dos presos. Observe-se as grades da prisão.

7. Sepultar os mortos. Em baixo, no centro se vê pés de defunto. Um homem o carrega



e outro ilumina com a tocha.



Em cima, do lato esquerdo, está Nossa Senhora com o Menino Jesus – Mãe da Misericórdia. Dois anjos abraçados em pose de descida indicam a graça de Deus que permite praticar as obras da misericórdia.



(Resumo)

3. Pe. Marcos Ivan Rupnik.

É sacerdote jesuíta. Nasceu em 1954, na Eslovênia. Estudou em Roma, onde fez o doutorado em Missiologia. Estudou também na Academia das Belas Artes.

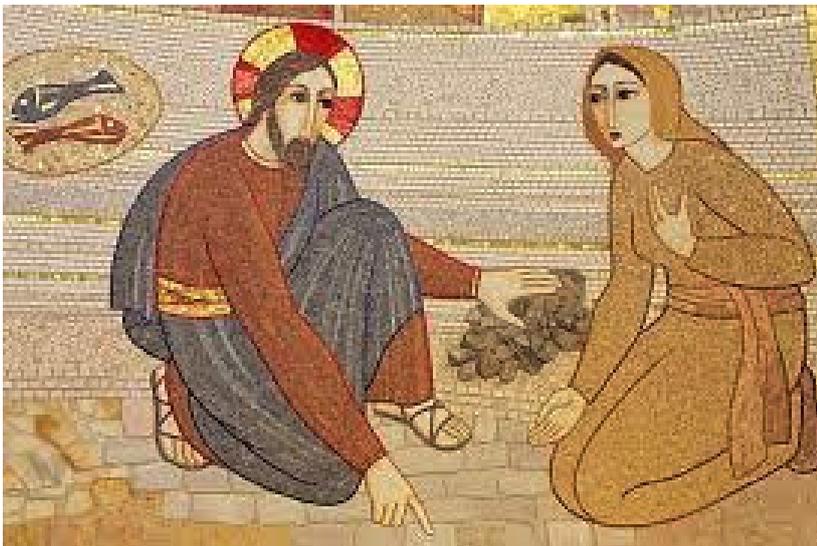
Ensina no Instituto Pontifício Oriental, na Pontifícia Universidade Gregoriana, no Pontifício Instituto Litúrgico Sto. Anselmo. Nos anos 1999-2013 era membro do Pontifício Conselho para Cultura. Desde 2012 é consultor da Pontifícia Comissão para a Nova Evangelização.

Seu amor e seu talento pelo estilo (mosaico) oriental bizantino é devido à sua origem, Eslovênia.

Algumas obras relativas à misericórdia, apenas para ilustrar.



Capela "Redemptoris Mater" no Vaticano, oferecida ao São Paulo II na passagem do Grande Jubileu da Redenção, ano 2000.



O evangelista São João fala-nos dos escribas e fariseus que trouxeram uma mulher a Jesus, dizendo-Lhe: *Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante delito de adultério. Ora, Moisés, na lei, mandou-nos apedrejar tais mulheres. Tu que dizes? Jesus ficou em silêncio. Como eles persistissem em interrogá-l'O, disse-lhes: "Aquele*

de entre vós que estiver sem pecado seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra". Os acusadores ouvem a resposta e compreendem-na. Um após outro foram-se embora e Jesus ficou a sós com a mulher. Então perguntou-lhe: "Mulher, onde estão os outros? Ninguém te condenou?" Ela respondeu: "Ninguém, Senhor". Disse-lhe Jesus: "Eu também não te condeno; vai e não voltes a pecar (Jo 8,1-10).



Jesus cura o cego desde nascença (Jo 9,1 – 10,21)



Fragmento de mosaico que representa Jesus bom Pastor. No lugar de ovelha, Jesus carrega nos ombros o homem caído, perdido. Um detalhe chama muita atenção: os olhos. Em vez de quatro olhos, de Jesus e do homem, o autor mostra apenas três. Com isso quer dizer que

a misericórdia divina resgata da condição de perdido no pecado e infunde a dignidade perdida: o Homem recebe a graça de ver as coisas como homem, mas com olhar de Deus e Deus vê com os olhos de homem.



O mosaico inspirou ao autor a criação do logotipo do Ano Santo da Misericórdia proclamado pelo Papa Francisco, que tem como lema: "Misericordiosos como o Pai". Jesus, com passos largos, se apressa para resgatar o homem perdido.

BIBLIOGRAFIA

- BARREIRO, Álvaro, SJ. *A parábola do Pai misericordioso*. São Paulo: Loyola, 1998;
- MOUWEN, Henri J. M. *A volta do filho pródigo. A história de um retorno para casa*. São Paulo: Paulinas, 2008;
- BERENSON, Bernardo. *Del Caravaggio, dele incongruenze e dela sua fama*. Firenze: Electa, 1951;
- PACELLI, Vincenzo. *Le realtà del Caravaggio*. Torino: Einaudi, 1989
- Wikipedia, *Verbetes diversos*.